

RELAÇÕES DE GÊNERO, RELAÇÕES RACIAIS E DE AMIZADE E OS SIGNIFICADOS DO CORPO EM CONTEXTOS DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

**Alunas: Ana Beatriz Bastos Aragão
Marília Gabriela Mendes
Orientadora: Sonia Maria Giacomini**

Introdução

A Feira de São Cristóvão ou Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas é um espaço fértil para estudos antropológicos sobre a sociabilidade. O espaço se apresenta como um ambiente de festa que promove o encontro de diversos grupos de pessoas, sejam elas nordestinas ou cariocas, brasileiros ou estrangeiros que estão em busca de lazer: trata-se de um local onde há música e dança, comidas e artigos típicos e até objetos do nosso dia-a-dia metropolitano, onde se procura especialmente passar um tempo agradável com a família ou amigos.

Dessa forma, ao reunir uma diversidade de elementos, como observou Pandolfo (1989), a Feira de São Cristóvão apresenta, no mínimo, uma dupla perspectiva: reconstrói a memória de uma cultura regional brasileira ao mesmo tempo em que dialoga e se apropria de elementos culturais do espaço urbano do Rio de Janeiro.

A sociabilidade nesse espaço da cidade tem algumas características que lhe são próprias já que é um espaço de congregação e confraternização em que a heterogeneidade dos frequentadores parece incentivar e exacerbar a elaboração de valores e etiquetas diferenciais entre os diferentes grupos. De fato, a sociabilidade não ocorre de forma livre, tem suas regras próprias e cada grupo social elabora seus valores e etiquetas, reafirmando identidades e marcando fronteiras e diferenças um dos outros e, com isso, impondo limites para a sociabilidade (Cf. Rezende, 2001).

Objetivos:

O nosso objetivo foi compreender como se dão às construções de identidade social de distintos grupos. Os comportamentos associados à dança, à paquera, às interações inter e entre os gêneros, entre amigos(as), às posturas e práticas corporais revelam a existência de um certo afrouxamento de alguns controles sociais quando comparados com aqueles que ocorrem em outros ambientes como o de trabalho, revelando uma maior aproximação entre as pessoas, mas sem, entretanto significar a ausência ou apagamento de regras.

Nesse sentido a festa caracteriza-se como representação coletiva que aproxima os indivíduos e reforça a cultura. Nela revela-se uma dualidade entre sagrado e profano que permeia todas as ações individuais e coletivas do grupo, deixando de forma evidente o tipo de religiosidade que se expressa na sociedade brasileira cuja marca é a de um catolicismo e um patriarcalismo que abrange a família brasileira, mas que também mostra sua expressão máxima na coisa pública, ou seja, nas *festas*.

Como espaço de lazer, de não-trabalho, a feira pode ser pensada através daquilo que Dunning (1995) formula como uma marca das sociedades contemporâneas, isto é, em que a busca de emoção se dá sobretudo na esfera do ócio. Em seu texto “A busca da emoção no ócio” Dunning interpreta essa experiência do ócio como fundamental na vida do indivíduo, em particular porque no ócio a perda do autocontrole do corpo é parcial ou relativamente permitida. O espaço da *festa*, caracteriza-se portanto por ser um lugar apropriado para que esse sentimento se materialize na forma de extravazações corporais e comportamentais.

Metodologia

A pesquisa esteve voltada para a análise de diversos autores das ciências sociais, tanto clássicos como contemporâneos notadamente no que diz respeito à sociabilidade, lazer, corpo e corporalidades e relações de gênero. Foi também realizado durante vários meses um trabalho de campo no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas que permitiu a realização de etnografias e de diversas entrevistas com frequentadores de diversas idades e com pessoas que realizam na feira atividades de trabalho.

Conclusão

A Feira de São Cristóvão mostra-se um lugar de encontro e de lazer extremamente *festivo*, onde o encontro e a sociabilidade pode-se revestir de distintas formas entre os grupos de indivíduos. Esses trabalham o próprio corpo com efervescência máxima, sendo o corpo como um fio condutor que os desligam da “vida do trabalho” e os inserem no “lazer”. De toda forma, o que pode ser verificado é que mesmo nesse espaço de lazer os diferentes indivíduos e grupos permanecem com controles pré-reflexivos

Referências Bibliográficas:

- PANDOLFO, Maria Lúcia Martins. A Feira de São Cristóvão: Espaço Sentimental do Nordeste no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1989.
- CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: Revisitando um conceito historiográfico. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 8, número 16, 1995.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizado: Uma História dos Costumes, vol 1, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. Deporte y Ócio en el Proceso de la Civilización, México, Fondo de la Cultura Económica, 1995.
- REZENDE, Cláudia Barcellos. Os Limites da Sociabilidade: “cariocas” e “nordestinos” na Feira de São Cristóvão. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, número 28, 2001.
- MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In Sociologia e Antropologia, São Paulo, Cosac & Naify, 2003.
- ELIAS, Norbert. A Sociedade de Corte_ Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- BRETON, David Le. Las Pasiones Ordinárias_ Antropologia de las Emociones, Ediciones Nueva Visión, Argentina, 1999.
- BRETON, David Le. Adeus ao Corpo_ Antropologia e Sociedade, Papyrus Editora, 2003